

# “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo

Felipe Tavares Paes Lopes[\*]

Bernardo Borges Buarque de Hollanda[\*\*]

[\*] Escola de Ciências Sociais da Fundação Getulio Vargas (FGV) — São Paulo (SP) — Brasil.  
E-mail: bernardobuarque@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7781-4684>

[\*\*] Departamento de Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso) — Sorocaba (SP) — Brasil.

E-mail: lopesftp@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0213-7858>

**Resumo:** Este artigo explora as contradições e os conflitos vivenciados no futebol brasileiro contemporâneo, tendo por base a dinâmica associativa de determinadas vanguardas de torcedores contra transformações econômicas, sociais e arquitetônicas observadas no espaço dos estádios e na administração dos clubes. Essas vanguardas dividem-se basicamente em dois grupos: setores das tradicionais torcidas organizadas (TOs), que procuram fazer frente ao processo de criminalização do torcer e de exclusão econômico-jurídica das arquibancadas, efeito, entre outros, da conversão dos estádios em arenas multiúso, e integrantes de “coletivos” de torcedores. Em sua maioria, esse segundo segmento de torcedores não pertence às TOs e apresenta uma característica mais explícita de atuação política à esquerda, com incorporação de bandeiras e de questões coletivas mais amplas, como a luta contra o racismo e a defesa da igualdade de gênero no futebol. Nesse sentido, o texto chega à conclusão de que formas de resistência vêm sendo articuladas entre determinadas franjas de torcedores de futebol nos últimos anos, conseguindo esboçar representações e práticas de defesa dos direitos futebolísticos. Sem embargo, essa espécie de protoconsciência torcedora encontra-se ainda dispersa em uma miríade de subgrupos que encontra até o momento dificuldades concretas de canalizar e de vocalizar, de maneira unificada, suas bandeiras de contestação.

**Palavras-chave:** torcidas organizadas; coletivos de torcedores; resistência ao “futebol moderno”.

*“Against modern football”: power, domination and resistance in the stadiums of São Paulo*

**Abstract:** This article analyses the contradictions and conflicts in the Brazilian contemporary football, based on the associative dynamics of specific vanguards of football fans at the forefront against economic, social and architectural changes in stadiums and club administration. These vanguards are basically divided into two groups: the first one, the “traditional supporters” groups (TS), opposes the process of criminalization and legal-economic exclusion of Brazilian fans, a consequence, among others, of stadiums becoming multiuse arenas; the second one, comprising mostly non-TS fans, is called “collectives”. The latter, formed by students, professors and fans in general, has an explicit left-wing ideology, incorporating flags and collective issues such as fighting racism and advocating for gender equality in football. In this sense, the text concludes that ways of resistance have been articulated among certain fringes of football fans in the last years. These fringes have been able to start defending the rights of the fans. However, this kind of protoconsciousness is still dispersed in a myriad of subgroups that until now face concrete difficulties to direct and vocalize, in a unified way, their claims.

**Keywords:** “traditional supporters” groups; collectives of supporters; resistance to “modern football”.

## Introdução

---

A realização da Copa do Mundo de Futebol de 2014 mudou significativamente as condições estruturais dos principais estádios brasileiros, transformando-os em arenas multiúso, capazes de receber diferentes tipos de eventos, em adequação a parâmetros e tendências internacionais. Embora se trate de fenômeno anterior ao anúncio dos megaeventos esportivos no Brasil, conforme exemplificam as reformas da Arena da Baixada (Drula, 2015), em Curitiba, nos anos 1990, os vultosos investimentos públicos e privados do Mundial Fifa 2014 vieram impactar com grande alcance a rede de equipamentos esportivos no Brasil, mediante a construção e a atualização de ao menos 14 estádios no país, no intervalo de uma década, constituindo um de seus mais evidentes “legados”, ao menos nos termos sustentados por Blumenschein e Navarro (2013).

Além da iniciativa particular de clubes como Grêmio e Palmeiras, 12 arenas foram construídas ou reformadas para atender às exigências da instituição organizadora do evento, a Fédération Internationale de Football Association (Fifa). A fim de ampliar suas receitas e não ficar para trás de seus rivais, estádios ligados a clubes que ficaram de fora do Mundial também decidiram construir novas arenas em atendimento ao paradigma arquitetônico do chamado padrão Fifa. Ainda que esse processo de “arenização” possa ter contribuído para o aumento da segurança e do conforto do torcedor, a modernização das praças esportivas tem ensejado fortes críticas de movimentos sociais, acadêmicos e jornalistas por causa dos gastos públicos envolvidos e dos termos de concessão privada das estruturas públicas (Santos, 2016).

Torcedores militantes também têm chamado a atenção para um efeito menos discutido da “arenização”: a mudança radical da experiência de torcer e a transformação da composição social do público frequentador dos estádios. Em nossa pesquisa de campo, por exemplo, foi possível observar uma série de bandeiras, faixas, camisetas, bonés, entre outras formas de comunicação visual, que estampam mensagens contra o chamado “futebol moderno”, lema internacional adotado por torcidas conhecidas na Europa como “ultras” (Florenzano, 2010). O símbolo da luta contra esse futebol é emblematizado por uma bola de couro antiga envolta e estilizada por uma grinalda verde-oliva. O emblema pôde ser visto até mesmo na pele de alguns torcedores militantes mais engajados, sob a forma de tatuagem.

A luta e o “ódio” contra o “futebol moderno” — categoria nativa que comporta em sua própria definição um paradoxo conceitual, pois, como evidenciam Bourdieu (1983) e Elias (Elias e Dunning, 2008), a codificação dos esportes modernos vai de encontro a passatempos e divertimentos anteriores à chamada modernidade — começaram no contexto europeu. Nele, visou-se a denunciar e a enfrentar o processo de hipermercantilização do futebol e suas consequências, consideradas nefastas por esse segmento de torcedores.

Na perspectiva de seus críticos, a elitização dos estádios corrompe a cultura tradicional de torcer e destrói a “verdadeira” paixão pelo futebol. A atmosfera festiva das arquibancadas, marca do modo passional e gregário de acompanhar o futebol profissional de alto rendimento, é comprometida, o que ocorre também com os laços tradicionais que aproximavam os clubes de suas comunidades locais. Em última instância, a intromissão do coeficiente mercantil, exponenciada no futebol de espetáculo contemporâneo, seria a causa do fim das emoções, da autenticidade, da espontaneidade, da história, da tradição e da rivalidade no futebol (Numerato, 2014).

Um dos efeitos dessa caracterização é a própria caricatura que se faz do perfil do frequentador das novas arenas. Se o acesso a esta tem sido condicionado por programas de fidelização, como “sócio torcedor”, os adversários do modelo que vem sendo implementado fazem tábula rasa deste, sendo muitas vezes enquadrados de maneira pejorativa como espectador passivo, consumidor ou cliente. A imagem é por suposto reducionista e não dá conta da complexidade do fenômeno, uma vez que o grau de engajamento e de paixão não pode ser mensurado por critérios meramente quantitativos ou baseados em estereótipos de senso comum. Sem entrar no mérito da questão, cingimo-nos à constatação de que a redução do novo torcedor a imagens caricaturais é parte constitutiva das “disputas simbólicas pelo significado de torcer” (Toledo, 1999).

Nos últimos anos, a luta contra o “futebol moderno” tem despertado a atenção do campo científico internacional, e autores como Dino Numerato (2014) têm se debruçado sobre suas ambiguidades, controvérsias e contradições no contexto europeu. No Brasil, essa luta tem sido objeto de investigação de estudos desenvolvidos no campo da comunicação (Santos e Helal, 2016), que têm discutido, entre outras coisas, o direito de acesso aos estádios e o afastamento do torcedor de seu clube (Santana, 2016).

Na chamada historiografia do futebol no Brasil, o ponto de partida das discussões sobre as relações entre futebol e poder se dá com a publicação do historiador Joel Rufino dos Santos (1981), cujo argumento contrapõe a organização de movimentos sociais e políticos do proletariado nos anos 1910 e 1920, inspirados no anarquismo e no comunismo, à suposta “alienação” do processo de popularização futebolística nos mundos do trabalho, tal como vivenciado nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Vinte anos depois, Leonardo Pereira (2001) renova o debate historiográfico ao mostrar de que maneira, a contrapelo do entendimento de Santos, os sentidos associados à prática do futebol não eram meramente impostos de maneira vertical ao associativismo dos trabalhadores, mas construídos, compartilhados e ressignificados no cotidiano associativo brasileiro de princípios do século XX. Mais recentemente, uma série de novos estudos em perspectiva histórica (Hollanda, 2009; Hollanda, Medeiros e Teixeira, 2015) resolveu voltar sua atenção para as experiências organizativas de torcedores, dando novo fôlego à área.

Embora já tenhamos um corpo consistente de produções historiográficas sobre futebol e poder e já conheçamos relativamente bem as experiências organizativas de torcedores, algumas questões sobre os movimentos de contraposição ao “futebol moderno” permanecem abertas. Por exemplo: dado que esses movimentos tendem a reificar certos estereótipos de gênero e certas práticas homofóbicas e podem reforçar princípios neoliberais em termos de vigilância e mercado (Numerato, 2014), conforme retomaremos, será que podemos lê-los como um ato de resistência contra-hegemônico que coloca em xeque o modelo socialmente autorizado de consumir o espetáculo futebolístico? Ainda, mesmo que se contraponham a uma apropriação do futebol asséptica e individualista, será que eles também não constituem um exercício de dominação no interior dos grupos dominados, cumprindo uma agenda política de exclusão simbólica de outras formas de masculinidade e de ser jovem?

Diante dessas inquietações, este artigo explora as contradições e os conflitos vivenciados no futebol brasileiro contemporâneo, tendo por base a dinâmica associativa de determinadas vanguardas de torcedores contra transformações econômicas, sociais e arquitetônicas observadas no espaço dos estádios e dos clubes. Ao explorar essas contradições e conflitos, objetivamos compreender como a atuação dessas vanguardas pode efetivamente transformar (ou manter) as relações de dominação que caracterizam o campo de produção, transmissão e recepção/consumo do referido futebol. Entende-se, para tanto, que uma situação pode ser descrita como de dominação quando “[...] grupos particulares de agentes possuem poder de uma maneira permanente, e em grau significativo, permanecendo inacessível a outros agentes, ou a grupos de agentes, independentemente da base sobre a qual tal exclusão é levada a efeito” (Thompson, 2000, p. 80).

Para alcançar esse objetivo, adotamos a seguinte estratégia argumentativa: começamos com a explicitação da metodologia que norteou e fundamentou nossas análises. Em seguida, discutimos as condições sociais e históricas de emergência e de desenvolvimento do “futebol moderno” e dos movimentos de torcedores contrários a ele. Por fim, examinamos as pautas e os modos de operação desses movimentos, os pontos de convergência e os de divergência internas aos grupos de torcedores. A identificação das semelhanças e das diferenças permite focalizar o potencial de transformação das assimetrias relativamente estáveis presentes no universo do futebol na contemporaneidade.

## **Delineamento metodológico: procedimentos de produção e análise de informação**

---

A metodologia de produção e análise de informações empregada envolveu a adoção de diversos procedimentos. Em um primeiro momento, realizamos uma revisão de literatura<sup>1</sup> acerca dos movimentos de torcedores na Europa e na América do Sul, compilando o teor de

<sup>1</sup> No Google Scholar, no Scielo, no Banco de Teses e Dissertações da Capes e nas bibliotecas da Universidade de São Paulo (USP), da Uniso e da uFGV.

suas críticas ao “futebol moderno”. Também compilamos críticas em *sites*, *blogs* e páginas do Facebook produzidas por integrantes desses movimentos.<sup>2</sup> Com base na leitura do material levantado, elaboramos um tópico-guia que serviu de apoio para a realização de oito entrevistas semiestruturadas com lideranças de torcidas organizadas e de um coletivo de torcedores<sup>3</sup> — principais grupos envolvidos na luta contra a hipermercantilização do futebol.

Por se tratar de lideranças, a faixa etária dos entrevistados (por volta dos 30/40 anos) é um pouco mais alta do que a da base desses grupos, que deve ser entrevistada em trabalhos futuros. Entre os entrevistados, havia uma mulher. Ainda que o principal critério empregado na construção do *corpus* tenha sido o papel (de ativista) representado pelos torcedores, tínhamos interesse em saber se as questões trazidas por uma liderança mulher problematizavam as transformações ocorridas no futebol — um universo tradicionalmente masculino — a partir da ótica de gênero. De modo algum, todavia, foi nossa intenção fazer qualquer generalização ou inferência a partir de uma única entrevista.

O tamanho do *corpus* não foi definido previamente. Na verdade, o critério utilizado foi o de “saturação de sentido”, ou seja, decidimos finalizar as entrevistas no momento em que temas e pontos de vista comuns começaram a se repetir com frequência — indicando-se que, provavelmente, não surgiriam mais novas surpresas sobre o assunto (Gaskell, 2008).

Antes do início das entrevistas, explicamos os objetivos da pesquisa aos entrevistados e pedimos que assinassem um termo de consentimento informado, explicitando nosso compromisso ético e garantindo o anonimato. Uma vez realizadas as entrevistas, elas foram transcritas na íntegra e submetidas a uma análise de conteúdo.

Além das entrevistas, fizemos observações em arenas multiúso, sedes de torcidas, reuniões de coletivos de torcedores, eventos oficiais e debates sobre o “futebol moderno”.<sup>4</sup> Essas observações foram inscritas em um diário de campo, e, quando possível, fizemos registros fotográficos. Também fomos a 38 partidas de futebol no ano 2016, focalizando as experiências de contestação de duas torcidas em particular: a do Sport Club Corinthians Paulista e a do Clube Atlético Juventus.

A escolha por estudar essas duas agremiações justifica-se pela peculiaridade de suas associações torcedoras. A torcida juventina tem se posicionado sistematicamente contra o “futebol moderno” — em especial o agrupamento conhecido como “Setor 2”. Este foi criado em 2001 e fica localizado atrás de um dos gols do Estádio da Javari, associado à colônia

<sup>2</sup> Entre outros, foram consultados os sites da Anatorg, da FTORJ e do portal Organizadas Brasil, além do monitoramento das páginas no Facebook “Torcidas Organizadas Brasil”, “O Canto das Torcidas” e das agremiações Gaviões da Fiel, Mancha Alviverde, Independente Tricolor e Torcida Jovem. Disponível em: <<http://anatorg.com.br/vps/>>; <<https://ftorj.wordpress.com/>>; <<http://www.organizadasbrasil.com/>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

<sup>3</sup> Optamos por não revelar os nomes das torcidas nem dos coletivos a fim de garantir o anonimato dos entrevistados.

<sup>4</sup> Ainda que nosso foco tenha sido a cidade de São Paulo, uma pequena parte da pesquisa de campo foi realizada em outras cidades, como Rio de Janeiro e Salvador, onde participamos de eventos, visitamos estádios e fomos a um jogo.

italiana na cidade. O “Setor 2” é considerado, no universo das torcidas, uma das primeiras *barras* brasileiras (grupos organizados que seguem a tradição argentina de torcer), e seu lema “ódio eterno ao futebol moderno” pode ser visto estampado nas camisetas de seus jovens integrantes, assim como pode ser ouvido em suas canções.

Por sua vez, a escolha da torcida corintiana justifica-se uma vez que sua principal torcida organizada, os Gaviões da Fiel, é a maior do Brasil, com mais de 100 mil associados desde a sua fundação, figurando-se como um grupo paradigmático no universo dessas torcidas. Além disso, em certo sentido, os Gaviões da Fiel são uma torcida “politizada”, assumindo um discurso antiditatorial, que atravessa “[...] a retórica nativa e se estende até hoje na verve de suas lideranças, sendo assimilada e compartilhada pelos demais integrantes” (Hollanda, 2015, p. 26).

Uma vez apresentados os procedimentos metodológicos, cabe agora apresentar os resultados.

## A paixão e o negócio: da emergência ao apogeu do “futebol moderno”

Descendente longo dos jogos populares medievais (Dunning, 2014), com cujos princípios instaura uma ruptura, o futebol tem na atualidade um alcance global e proporciona um dos mais valiosos espetáculos da “indústria do entretenimento”. Integrado de maneira progressiva à égide do lucro, sua prática serve de suporte para comercializar os mais diferentes tipos de produtos — tais como canais *pay-per-view*, álbum de figurinhas, roupas, brinquedos, calçados, suvenires, produtos de higiene pessoal, jogos de *videogame*, utensílios domésticos etc. (Alvito, 2006). Ainda que, desde a codificação de suas regras, em 1863, ele já se mostrasse um espetáculo atraente — levando públicos superiores a 10 mil pessoas no Reino Unido (Mascarenhas, 2014) —, sua entrada no circuito da mercadoria não foi imediata, ocorrendo com graus de intensidade distintos em cada país.

Em comparação com a Inglaterra e a Itália, por exemplo, a mercantilização do futebol alemão aconteceu muito tarde e com certa relutância (Merkel, 2012). Basta recordar que o processo de transformação dos clubes europeus em empresas privadas, iniciado na Itália na década de 1980, sofreu forte oposição na Alemanha, que atualmente se configura em um caso específico, valendo a lei “50+1%”, “[...] que obriga os clubes a manter mais da metade das ações (51%) na mão dos seus sócios” (Santos e Santos, 2016, p. 133).

A despeito das particularidades da história do futebol de cada país, podemos destacar, seguindo as análises de Irlan Santos e Ronaldo Helal (2016), quatro marcos históricos na transformação desse esporte em um meganegócio. O primeiro deles ocorreu na Europa do pós-Segunda Guerra, quando o futebol foi inserido na lógica do espetáculo, com a formação de uma sociedade de consumo e o surgimento de novos dirigentes atrelados ao mundo

corporativo e influenciados pela americanização da cultura global. Nesse período, formou-se um oligopólio de clubes vencedores, a classe operária começou a ser substituída pela classe média dentro e fora dos estádios e os jogadores deixaram de ser heróis locais para se tornarem celebridades mundiais. Fora de campo, o futebol tornou-se mais mecânico e pragmático.

O segundo marco se deu em meados da década de 1970, com a entrada de João Havelange na presidência da Fifa. Nesse período, graças ao desenvolvimento tecnológico de transmissão via satélite e a uma série de acordos econômicos, a televisão se tornou a grande protagonista do processo de produção e transmissão do espetáculo futebolístico. Os contratos de cessão de direitos de imagens passaram a ser a principal fonte de receita dos clubes, e não mais os ingressos vendidos para os jogos, o que permitiu, pouco a pouco, a diminuição da importância de estádios de grande porte. Consequentemente,

[...] o público-alvo principal dos clubes não estava mais nas suas cidades de origem, mas agora espalhados por todo o país ou mesmo pelo mundo. Surgem, portanto, novos atores econômicos e uma nova realidade comercial entre clubes, atletas, torcedores de estádios e consumidores de TV. No Brasil o primeiro grande acordo de televisionamento dos clubes se deu em 1987. (Santos e Helal, 2016, p. 60).

O terceiro marco foi a tragédia do estádio de Hillsborough, na Inglaterra, em abril de 1989, quando 96 torcedores do Liverpool morreram pisoteados e/ou esmagados contra o alambrado. O desastre, atribuído à superlotação e ao hooliganismo, desencadeou a elaboração do famoso Relatório Taylor, que tratou de “humanizar” o hábito de ir aos jogos, recomendando, entre outras coisas, uma série de alterações nas condições estruturais dos estádios britânicos, como a retirada dos alambrados e a colocação de assentos em todos os lugares. Essas alterações estruturais diminuíram a capacidade dos estádios, tornando os assentos recursos mais escassos, o que, em consequência, elevou o valor dos ingressos e intensificou o processo de aburguesamento do espetáculo futebolístico (Giulianotti, 2002).

No Brasil, uma série de trágicos episódios ganhou ampla repercussão midiática. Em meados da década de 1990, ocorreu a chamada “batalha campal” do Pacaembu. Na ocasião, após o encerramento da partida final válida pela Supercopa São Paulo de Juniores, em uma manhã de domingo no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, torcedores organizados ligados ao Palmeiras e ao São Paulo invadiram o campo de jogo. Em meio às obras do estádio do setor conhecido como Tobogã, deu-se o enfrentamento, com paus, pedras e outros artefatos, resultando na morte de um torcedor e em uma centena de feridos. Se se tratava de embates até certo ponto recorrentes entre esses agrupamentos, a filmagem das cenas e a visibilidade do confronto, ocorrido no palco do Pacaembu (Toledo, 1997), alardearam a opinião pública e levaram o Ministério Público estadual a decretar a extinção dos principais grupos envolvidos.

Assim como havia ocorrido no Reino Unido, esses episódios violentos e fatais, repercutidos pelos meios de comunicação de massa, foram utilizados para legitimar a ampliação dos dispositivos de vigilância e para alterar a configuração social dos estádios. Antigos setores populares foram divididos em subsetores, com hierarquia de preços ou até mesmo com sua eliminação, sob a justificativa de que eram inseguros e desconfortáveis, como a “geral” do Maracanã (Hollanda, 2014). Essas modificações infraestruturais, longe de ser apenas um dispositivo exclusivo da engenharia ou da arquitetura, deu ensejo a que pesquisadores como Mascarenhas e Gaffney (2008) acionassem lentes foucaultianas para entender a nova ordem espacial do futebol. Citando Foucault, endossam que essa ordem

[...] permite ao mesmo tempo uma caracterização do indivíduo como indivíduo, e a ordenação de uma determinada multidão. Esta é a principal condição para o controle e uso de um conjunto de elementos distintos: uma base para uma microfísica do poder que podemos rotular de “celular”. (Foucault apud Mascarenhas e Gaffney, 2008, p. 8, tradução nossa).

Enquanto na Inglaterra o contexto de reinvenção dos estádios se deu sob a égide ideológica do *thatcherismo*, no Brasil, e na América Latina de modo geral, a reestruturação do futebol esteve vinculada desde fins do século XX à vaga neoliberal. A retração do caráter público dos estádios, vigente entre os anos 1940, com a inauguração de praças esportivas municipais como o Pacaembu e o Maracanã, e os anos 1970, quando os governos militares puseram a termo seu projeto de edificação e de multiplicação de equipamentos futebolísticos em diversos quadrantes do território nacional, deu lugar ao modelo de estádios particulares de pequeno e médio porte. Estes, congruentes com uma nova configuração de público torcedor, atomizaram-no em assentos individuais e segmentaram-no em setores preestabelecidos.

O símbolo da influência dos princípios preconizados pelo neoliberalismo pode ser apontado na década de 1990, no já citado caso da Arena da Baixada, pertencente ao Clube Atlético Paranaense. Este assistiu à “arenização” de seu antigo estádio, o Joaquim Américo, um dos primeiros a se alinhar ao modelo de arenas multiúso que emergiam na Europa. Embora não se debrucem em particular sobre a realidade brasileira ou latino-americana, Peter e David Kennedy (2016) adotam uma perspectiva marxista para salientar a continuidade e o aprofundamento da lógica neoliberal, visando ao entendimento do *modus operandi* da “indústria do futebol” no século XXI.

Foi assim que, em 2003, o governo brasileiro passou a dirigir políticas públicas voltadas mais diretamente para os grandes eventos, como os Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro, realizados em 2007. Em conjunto, o governo produziu normas específicas de proteção, regulação e defesa dos espectadores esportivos. Isso se deu com a sanção da Lei nº 10.671/2003, mais conhecida como Estatuto de Defesa do Torcedor, modificada posteriormente pela Lei nº 12.299/2010.



O quarto marco foi a adoção do conceito de arena multiúso pela Fifa e pela *Union of European Football Associations* (Uefa). A partir da Copa de 1994, nos Estados Unidos, essa adoção passou a ser uma exigência para os países que tivessem a intenção de sediar uma Copa do Mundo ou uma Eurocopa (Santos e Helal, 2016). Ainda que esse modelo de estádio tenha sido adotado pela primeira vez no Brasil na década de 1990—, ele foi impulsionado pela realização da Copa do Mundo de 2014 no país.

Uma das consequências mais evidentes da adoção desse conceito arquitetônico foi o aumento significativo do valor do preço dos ingressos.<sup>5</sup> Outra decorrência foi o estabelecimento de padrões básicos de uma arquitetura funcional e esteticamente agradável (Campos, 2014). Padrões que tornam as arenas relativamente similares ao *design* dos museus turísticos e dos *shopping centers* — ainda que estes últimos, fiéis à universalidade do mercado, sejam mais inclusivos, pois, ao menos em princípio, qualquer um pode entrar (Sarlo, 2013).

Entre outras semelhanças, as arenas buscam oferecer variados produtos e serviços consumeristas a seus usuários — restaurantes, lanchonetes, lojas oficiais etc. Para tanto, em contraste com a experiência anterior, os gestores desses equipamentos proporcionam espaços limpos, confortáveis e seguros, fortemente monitorados por câmeras e agentes privados de segurança. As novas praças esportivas também têm dispositivos tecnológicos capazes de permitir que o torcedor acompanhe as partidas como se estivesse no sofá de sua casa. Gigantescos telões, por exemplo, mostram em detalhes a partida e as manifestações da torcida. Durante o intervalo, antes e depois do jogo, inspirados no *business*, nos *talk shows* e no *entertainment* consagrados pelos espetáculos esportivos norte-americanos, as telas das arenas repetem, de diversos ângulos, os principais lances.

Outra característica das arenas é que elas são segmentadas em setores e têm diversas áreas exclusivas (e, portanto, excludentes). Muitas dessas áreas contam com decoração customizada, televisores de última geração, poltronas ergonômicas e serviço de bufê. A visão do campo é excelente, e seus frequentadores ficam em evidência para as filmagens das câmeras de televisão. Trata-se de espaços de fruição especular, feitos para ver e ser visto. Não à toa, segundo o historiador Flávio de Campos (2014, p. 358-359), as arenas trocaram “[...] os pontos cegos dos estádios — aqueles lugares dos quais a visão de determinadas partes do campo é prejudicada ou impossibilitada — por pontos cegos sociais — segmentos sociais que não devem mais ser vistos entre os torcedores”.

Apesar dessa tentativa empresarial de “higienização social”, os conflitos e as contradições existentes em nossa sociedade irrompem, com relativa frequência, nos espetáculos futebolísticos. Por exemplo: em contraponto à ambiência controlada de suas dependências, no entorno das arenas, a presença ostensiva da tropa de choque da Polícia Militar (PM)

<sup>5</sup> Nesse sentido, já em 2010, o professor da Eaesf-FGV Antônio Carlos Aidar sustentava que a conversão do torcedor em “cliente” seria a principal via para o aumento da receita dos clubes brasileiros. Cf. Aidar (2010).

produz uma atmosfera beligerante. Ao mesmo tempo, se se diferencia de suas formas de atuação no passado, cambistas agem livremente. Em seu interior, casais apaixonados trocam beijos, posam e fazem “coraçõezinhos” para as câmeras de televisão, enquanto torcedores organizados protestam coletivamente contra determinados aspectos do futebol: horário dos jogos, escassez de meios de transporte, valor dos ingressos, entre outros.

Essas contradições também se manifestam dentro dos clubes. Peter Kennedy e David Kennedy (2012) mostram, por exemplo, que, a despeito do crescimento das receitas das cinco principais ligas europeias (Inglaterra, Itália, Alemanha, Espanha e França), muitos clubes estão profundamente endividados, e alguns chegaram a declarar falência — como foi o caso dos italianos Napoli, Parma e Fiorentina. Na Espanha, as dívidas de vários clubes têm sido subscritas pelo governo local ou por bancos regionais. Por sua vez, os clubes da bilionária Premier League, da Inglaterra, têm a maior dívida de todas: em 2010, ela chegou a quase 4 bilhões de euros.

Para agravar a disparidade da situação, as desigualdades econômicas (e, por extensão, técnicas) entre as ligas nacionais e dentro delas têm crescido de maneira significativa. Além disso, como o foco dos clubes é cada vez mais ampliar seu potencial mercadológico, aquelas agremiações que não são consideradas viáveis do ponto de vista financeiro têm sido fundidas com seus rivais, passando por cima de sua história e da identidade de seus torcedores (Kennedy e Kennedy, 2012). É a partir desse cenário conflituoso e contraditório que uma série de movimentos de torcedores têm surgido na Europa e pelo mundo.

## Da paixão à militância: emergência e desenvolvimento dos movimentos contra o “futebol moderno”

---

De acordo com Dino Numerato (2014), a luta contra o “futebol moderno” teve início após a Segunda Guerra Mundial. Ela foi uma resposta ao aumento da profissionalização do mercado de transferência e ao aburguesamento do futebol, que contribuíram para a ruptura das relações tradicionais entre a administração dos clubes e os torcedores, que foram, de maneira mais explícita, excluídos de seu processo decisório. Mas foi somente em meados da década de 1980 que se desenvolveu e se materializou uma cultura de contestação mais explícita. Isso se deu, de início, no Reino Unido, com o surgimento de novos movimentos de torcedores.

De acordo com Richard Giulianotti (2002), os fanzines de futebol propiciaram um canal crucial para essa “cultura contestatória”, oferecendo uma imagem mais representativa dos pontos de vista dos torcedores do que aquela habitualmente oferecida pelos veículos de comunicação tradicionais. Os primeiros fanzines de futebol datam do início da década de 1970, mas foi somente com a influência cultural do movimento *punk* e de seu ideário “faça você mesmo”, no final de tal década, que eles se tornaram uma expressão cultural mais relevante.

Após a tragédia Heysel, em 1985, quando morreram 39 torcedores na final da Copa dos Campeões entre Liverpool e Juventus, surgiu uma série de fanzines para “[...] demonstrar aos políticos hostis que a maioria dos torcedores não era constituída por *hooligans*” (Giulianotti, 2002, p. 88).

Para o propósito do movimento, igualmente importante foi a criação das Associações de Torcedores Independentes (ISAs), que “[...] organizaram protestos contra as práticas comerciais mais ruidosas dos diretores dos seus clubes, como a venda de grandes craques ou a inflação dos preços de admissão” (Giulianotti, 2002, p. 89).

Na década de 1990, esse processo de mudança das formas de torcer resultou na emergência de um novo tipo de torcedor, denominado por Giulianotti (2002) “pós-torcedor”, em virtude de sua capacidade de reflexão crítica, ironia e participação política.

Foi também nesse período que a Associação dos Torcedores de Futebol (FSA)<sup>6</sup> tornou-se uma das principais vozes dos torcedores britânicos, reivindicando o desenvolvimento de programas comunitários por parte dos clubes e a criação da figura do *ombudsfan*, “[...] orientado a receber as reclamações e a ser considerado pelas autoridades como a representação da voz dos torcedores” (Alabarces, 2012, p. 56-60, tradução nossa). Em 2002, a FSA fundiu-se com outra associação, dando origem à Federação dos Torcedores de Futebol (FSF), uma organização democrática que luta, entre outras coisas, pela diminuição do preço dos ingressos, proteção dos clubes e volta dos setores sem cadeiras de forma segura.<sup>7</sup>

A FSA foi uma das poucas vozes críticas ao Relatório Taylor, fazendo forte oposição a algumas de suas recomendações. Entre elas, a da criação de um esquema de identificação dos torcedores, que acabou não sendo colocado em prática, e a da eliminação dos setores de pé, vista como economicamente inviável para os clubes menores e produtora de “[...] mudanças demasiadamente abruptas nas práticas dos torcedores, transformando a partida cada vez mais em espetáculo com menor participação dos mesmos” (Alabarces, 2012, p. 60, tradução nossa). Esta última, todavia, acabou sendo implementada e é motivo de controvérsias até hoje.

Mais recentemente, com o crescente controle acionário dos clubes britânicos por parte de investidores estrangeiros alheios à realidade dos torcedores (magnatas russos, monarcas árabes, bilionários norte-americanos, emergentes chineses etc.), ampliaram-se as experiências de *fan ownerships*, que buscam capacitar e organizar os torcedores para que eles consigam retomar o domínio acionário das instituições. Em alguns casos, torcedores mais radicais optaram por abandonar seu clube e refundá-lo com nome similar, como foi o caso “[...] do FC United of Manchester, criado em 2005 por torcedores dissidentes do gigante Manchester United, quando esse foi adquirido pelos irmãos Glazer, bilionários do petróleo norte-americanos” (Santos e Santos, 2016, p. 132).

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://www.fsf.org.uk/about-us/>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

<sup>7</sup> Ibid.

Diferentemente do que ocorreu no Reino Unido, em nações do norte da Europa, como Alemanha, Dinamarca e Suécia, criaram-se projetos sociopedagógicos que visam a abrir diálogo com os grupos de torcedores considerados mais radicais, reconhecendo os aspectos positivos de sua tradição de torcer e a necessidade de se manter uma atmosfera vibrante, festiva e atraente à sua atuação nas arquibancadas. Não à toa, no início da década de 1990, quando as autoridades e os políticos alemães passaram a defender o fim dos setores para espectadores de pé, em geral situados na parte posterior às traves do campo, o *Fanprojekt* (“Projeto Torcedor”, em português) se opôs à ideia. Buscou-se mostrar os interesses dos torcedores e trazê-los para o debate de forma construtiva, integrada, fazendo a mediação entre as partes. Graças a essa mediação, apesar das reformas de modernização, a maior parte dos estádios alemães ainda hoje mantém esses setores, e os clubes adotam uma política moderada de precificação dos ingressos (Giulianotti, 2002; Gabriel, 2013).

Na Alemanha, assim como em praticamente todos os países da Europa, os ultras, designação italiana dos anos 1960 e 1970, disseminada internacionalmente, representam a principal subcultura de torcedores.<sup>8</sup> Estes costumam se reunir nas “curvas” dos estádios e realizar um espetáculo coreográfico e audiovisual, por meio do qual proclamam sua identidade e sua fidelidade ao clube (Giulianotti, 2002). O comprometimento e o engajamento dos ultras com sua cultura, no entanto, vão além da duração do jogo. Eles aspiram a um projeto coletivo capaz de exercer influência nos processos decisórios dos clubes e são muito críticos à hipermercantilização do futebol. Em 2010, por exemplo, 5 mil ultras, filiados aos mais diversos clubes alemães, marcharam pelo centro de Berlim contra o alto valor dos ingressos, contra a crescente fragmentação dos dias de jogos, contra a renomeação de estádios e contra a repressão policial (Merkel, 2010).

Hoje em dia, os ultras são os principais protagonistas da luta contra o “futebol moderno” na Europa. “Oficialmente”, esse termo foi utilizado pela primeira vez em 1999, em um texto intitulado *Against modern football manifesto*, publicado na internet por um torcedor da Roma e, posteriormente, assinado por 70 grupos de torcedores de 21 países. Poucos anos depois, em 2002, foi fundada uma rede informal de ultras italianos com o objetivo de defender sua tradição de torcer e de fazer frente ao “futebol moderno” (Numerato, 2014).

No contexto brasileiro, frações expressivas das torcidas organizadas de futebol encabeçam a luta contra o “futebol moderno”, ainda que elas tenham muito pouco contato com os grupos ultras europeus, conforme relatado nas entrevistas.<sup>9</sup> Essas torcidas surgiram no final da década de 1960, reivindicando autonomia em face dos clubes e adotando um novo estilo de torcer, a fim de distinguir-se de outros agrupamentos de torcedores existentes

<sup>8</sup> Com exceção do Reino Unido, onde os hooligans ainda são dominantes (Giulianotti, 2002).

<sup>9</sup> Por causa da proximidade geográfica e por participarem de campeonatos comuns, como a Copa Libertadores da América, as torcidas organizadas brasileiras têm mais vínculos com as barras hispano-americanas do que com agrupamentos de torcedores europeus.

na época — como as charangas (Teixeira, 2013). Desde então, segmentos dessas torcidas buscam atuar como mecanismos de pressão e tencionam influenciar os rumos de seus clubes e do futebol brasileiro. Para tanto, têm realizado protestos, greves, piquetes e boicotes, como os realizados pelas torcidas organizadas cariocas no início dos anos 1980, a fim de, entre outras coisas, exigir a diminuição do preço dos ingressos (Hollanda, 2009).

Essa experiência resultou no surgimento da Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (Astorj), que propunha formalizar a relação entre essas torcidas e legitimá-las como uma força corporativa com influência na estrutura de poder do futebol (Hollanda, 2009). Embora extinta no início dos anos 1990, quando a rivalidade intertorcidas impediu a continuidade do diálogo entre as lideranças, a Astorj serviu de inspiração para a Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ). Esta, por sua vez, serviu de inspiração para a fundação da Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil (Anatorg), em 2014. A criação de entidades representativas têm sido algumas das formas das torcidas organizadas de futebol de lutar contra o “futebol moderno” e contra a criminalização de sua cultura torcedora.

Nos últimos anos, surgiu uma série de novos movimentos, coletivos e entidades representativas de torcedores que buscam enfrentar a conjuntura de elitização dos clubes e a mercantilização da paixão pelo futebol. Uma das primeiras entidades a serem criadas foi a extinta Associação Nacional dos Torcedores (ANT). Fundada em outubro de 2010 no Rio de Janeiro, a ANT foi uma organização nacional sem fins lucrativos que chegou a contar com aproximadamente 3 mil associados. Seu surgimento deveu-se à iniciativa de professores universitários, responsáveis por mobilizar outros pesquisadores e um conjunto de alunos aficionados por futebol.

Desde a fundação, a entidade demonstrou capacidade de exposição nos meios de comunicação e soube articular os simpatizantes do movimento por meio das redes sociais e dos grupos de discussão pela internet. Atos coletivos foram organizados em dias de jogos, no Rio de Janeiro e em outras cidades, com a distribuição de cartilhas e de panfletos nas proximidades dos estádios, de modo a sensibilizar os torcedores “comuns” dos clubes às causas e às críticas formuladas pela ANT à estrutura e aos dirigentes do futebol brasileiro.

O crescimento do grupo sofreu também revesses internos, que levaram à criação da Frente Nacional dos Torcedores (FNT), oriunda então de uma ruptura da ANT. Como a primeira entidade, a FNT chegou a realizar atos públicos contra a elitização do futebol e contra determinados dirigentes, a exemplo do então presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ricardo Teixeira, e contra os dispendiosos gastos de modernização dos estádios para a Copa de 2014. Sob o lema “Futebol, Alegria e Liberdade”, a FNT se propunha combater o “futebol moderno” e todas as suas mazelas.

Ambas as agremiações tiveram, no entanto, vida efêmera e não ultrapassaram a realização do Mundial da Fifa de 2014. Após um ano importante de visibilidade, como foi o de 2013 e a Copa das Confederações, que se somou à efervescência contestatória e difusa das chamadas Jornadas de Junho (Singer, 2013), os grupos foram se desmobilizando após a Copa de 2014, momento em que ainda essas entidades organizaram protestos nas imediações dos estádios. A precocidade das duas entidades decorreu em parte pelo encerramento do megaevento, em parte pela diluição interna dos grupos e pela ausência de renovação nas lideranças do movimento.

Mais recentemente, surgiram coletivos como a “Punk Santista” (Santos), “O Povo do Clube” (Internacional), a “Resistência Azul Popular” (Cruzeiro), o “Dissidenti (Palmeiras) e a “Frente 1899” (Vitória). Formados por grupos de aficionados de um clube, que compartilham afinidades ideológicas, alguns desses coletivos têm participado ativamente da vida política mais ampla do Brasil e de manifestações de esquerda, como o “Coletivo Democracia Corinthiana”. Outros têm se centrado em pautas específicas, como o “Futebol, Mídia e Democracia”, que luta contra o jogo de meio de semana, com início às 22h, em atendimento às exigências da Rede Globo de televisão.

Alguns integrantes desses coletivos pertencem a torcidas organizadas e, aparentemente, não há conflitos entre eles e essas torcidas. Um ex-presidente de uma organizada do Santos, por exemplo, nos relatou que, ainda que não seja um “militante ativo”, ajudou a fundar e apoia a “Punk Santista”. Já o líder de um coletivo afirmou que há diálogo com as organizadas e até apoio para a realização de algumas campanhas.

Além desses coletivos, surgiram vários movimentos anti-homofobia e antissexismo — Galo Queer, Cruzeiro Maria, Bambi Tricolor, Queerlorado, Palmeiras Livre, entre outros —, que têm discutido e denunciado o preconceito de gênero no futebol. Essas discussões e denúncias têm sido praticamente limitadas à internet e às redes sociais por causa do medo de retaliação de setores organizados mais intolerantes, conforme afirmou uma dirigente de um desses movimentos em um debate sobre intolerância no futebol. Em junho de 2017, no entanto, foi realizado no Museu do Futebol, em São Paulo, o Primeiro Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada, que reuniu torcedoras de diversas partes do país para discutir os problemas enfrentados por elas no dia a dia do futebol e propor possíveis soluções.

Finalmente, em outubro de 2016, foi fundada, no prédio da Geografia/História da USP, uma frente de movimentos e coletivos de torcedores denominada “Arquibancada Ampla, Geral e Irrestrita” (Agir). Na ocasião, a Agir lançou um manifesto contra o que considera ser retrocessos sociais e políticos em curso no Brasil — acentuados após o *impeachment* de Dilma Rousseff — e a favor de bandeiras progressistas no esporte em geral e no futebol em particular.

## Da transgressão à negociação: estratégias de enfrentamento ao “futebol moderno”

---

No dia a dia do futebol, uma série de práticas rotineiras, ritualizadas e profundamente emocionais acaba constituindo-se em uma forma não planejada de resistência ao “futebol moderno” (Numerato, 2014). Dentro dos estádios, os torcedores baseiam seus comportamentos em regras e convenções implícitas, informais e, às vezes, imprecisas que são aprendidas e interiorizadas ao longo de sua trajetória torcedora. Ainda que a aplicação dessas regras e convenções não seja o resultado de uma operação meramente mecânica, envolvendo certa seletividade e criatividade, ela tende a reproduzir uma forma de torcer mais participativa, que não se enquadra em um modelo “burguês” de assistência esportiva, que pressupõe o distanciamento afetivo, ou seja, o controle da manifestação pública das emoções.

Evidentemente, o engajamento nessa forma de torcer mais participativa é mais intenso nos setores em que se localizam as torcidas organizadas, mas em outros também é possível observar torcedores assistindo ao jogo de pé, provocando a torcida adversária, gesticulando para o árbitro e cantando canções de apoio ao clube. Essa constatação joga luz sobre a força do passado nas arquibancadas brasileiras, que impede que a ordem social futebolística seja moldada ao sabor dos “ventos modernizantes”. Assim, em vez de aprisionar, a tradição parece aqui libertar o torcedor, ensejando referências e não o sujeitando aos novos padrões de comportamento.

Dentro dos estádios, também é possível observar uma série de práticas coletivamente orquestradas pelas torcidas organizadas. Tais ações visam a criar estratégias de resistência às restrições impostas pelas autoridades, como a utilização da “camisa da proibição”. Em períodos em que essas torcidas estão impedidas de entrar com qualquer tipo de acessório de identificação que faça menção a seu nome, os integrantes costumam utilizar camisetas com estilo análogo às “oficiais”, mas sem o símbolo da torcida. Com isso, conseguem manter a identidade visual da torcida na arquibancada — o “mar negro” dos Gaviões da Fiel, ou o “mar branco” da Torcida Jovem do Santos, por exemplo — e se fazerem visíveis aos olhos dos habituais frequentadores de estádios. Trata-se de mostrar ao poder público sua capacidade de sobrevivência, com a sugestão de que “jamais acabarão”, como costumam cantar os integrantes da torcida corintiana.

Ao debruçar-se sobre a militância dos torcedores do Sankt Pauli, clube da cidade portuária de Hamburgo, na Alemanha, Mick Totten (2015) analisa a cultura do “faça você mesmo” desse subgrupo e indica que muitos deles rejeitam o *merchandising* oficial do clube e optam por confeccionar suas próprias faixas, bandeiras e roupas. No caso das torcidas organizadas brasileiras, a confecção de seu próprio material parece ser mais uma forma de obter recursos para a torcida e construir uma identidade visual própria do que um boicote aos produtos oficiais do clube — até mesmo porque muitos desses torcedores têm

esses produtos (quando seus integrantes estão proibidos de entrar com a camisa oficial, os Gaviões da Fiel, por exemplo, solicitam que eles utilizem a “camisa da proibição” ou uma preta do Corinthians).

Nesse ponto, também é preciso observar que, em alguns casos, parece haver certa promiscuidade e conflito de interesses na relação comercial entre a torcida e seus dirigentes. Por exemplo: o presidente de honra da Mancha Alviverde, do Palmeiras, é proprietário de uma confecção do ramo têxtil, que vende material para a torcida. Esse conflito e essa promiscuidade são indicativos de que as próprias torcidas organizadas, em alguns momentos, perpetuam a falta de transparência que cobram das organizações que administram o futebol do país.

Com alguma frequência, as torcidas organizadas também manifestam seu descontentamento em relação ao *status quo* futebolístico por meio da transgressão previamente planejada das regras. Um dos exemplos mais candentes em período recente é acender e empunhar sinalizadores durante o jogo. Ao mesmo tempo que o porte e o uso de engenhos pirotécnicos nos estádios são expressamente proibidos em quase todos os países,<sup>10</sup> o sinalizador é tido por muitos movimentos de torcedores, talvez justamente em virtude de sua proibição, como um elemento central da festa nas arquibancadas. Não à toa, um dos principais *slogans* dos movimentos contrários ao “futebol moderno” é: “pirotecnia não é crime”.

Nesse ponto, a partida de oitavas de finais da Copa Libertadores da América de 2016, entre Corinthians e Nacional, é ilustrativa. Na entrada dos times em campo, as torcidas organizadas corinthianas fizeram grande festa e acenderam centenas de sinalizadores, piscas-piscas e outros artefatos pirotécnicos, que produziram uma cortina de fumaça sobre o gramado. No local onde estava localizada a torcida Camisa 12, foi estendida uma enorme faixa com os dizeres: “Toda essa festa é por amor ao nosso Timão. E isso não é crime!”

Sabe-se também que, em parte, as origens da perseguição aos sinalizadores foram decorrência de um acidente protagonizado pelas torcidas organizadas do Corinthians durante a edição da Libertadores da América em 2013. Logo no início da primeira fase do torneio, o Corinthians foi jogar a partida de estreia em Oruro, na Bolívia. Aos cinco minutos de jogo, ato contínuo à comemoração de um gol da equipe brasileira, um grupo de torcedores corinthianos disparou um sinalizador pirotécnico que mais tarde se descobriu de procedência da Marinha de Guerra brasileira. Em vez de subir aos ares, o projétil errático dirigiu-se às arquibancadas dos torcedores oponentes e acabou por atingir e perfurar em cheio a vista de um adolescente boliviano de 14 anos de idade. Kevin Espada morreu pouco depois, ainda a caminho do hospital.

A despeito do incidente trágico, o uso transgressor dos sinalizadores constitui não apenas uma forma de valorizar o espetáculo nas arquibancadas, mas também um modo de

<sup>10</sup> No Brasil, ele é vetado pelo artigo 13 do Estatuto de Defesa do Torcedor (Brasil, 2003).



os torcedores organizados chamarem a atenção para suas demandas, se contraporem à lógica normativa das autoridades públicas e questionarem o *status quo* dos gestores do futebol, conforme nos indica o seguinte depoimento:

[...] a Torcida Jovem do Santos e a Gaviões do Corinthians protagonizaram ações mais ofensivas, porque o sinalizador é um [item] que é proibido, né, nos estados brasileiros, que é a pirotecnia, e essas torcidas desafiaram o sistema de alguma forma, em alguns jogos, em alguns momentos, na final do Paulista contra o Palmeiras acenderam, né?!

Nesse sentido, discordamos de Dino Numerato (2014) quando afirma que a supervalorização da forma dos protestos de torcidas pode desconectá-los de seu conteúdo original e esvaziar seu sentido político, uma vez que a forma parece ser aqui, em si mesma, politicamente significativa. Ética e estética andam juntas, fundem-se. Em suma: a fumaça dos sinalizadores é tão significativa quanto as palavras de ordem de uma faixa de protesto.

Com frequência, as torcidas organizadas buscam minimizar o argumento de que são prejudiciais ao time em razão de ameaças de sanção e de possíveis punições ao clube por parte das entidades desportivas, tais como a perda de pontos e a perda do mando de campo. Em algumas partidas do Corinthians, por exemplo, observamos que as organizadas corinthianas optaram por acender os sinalizadores antes do início do jogo e durante o intervalo a fim de evitar a interrupção da partida. Para “driblar” possíveis punições, as organizadas também estabelecem acordos entre si. Conforme nos relatou um dos entrevistados:

E a gente estava tendo um problema, porque muitas torcidas estavam com medo de fazer parte do movimento, para não prejudicar o time. Foi quando a gente falou: e se todas fizerem, eles vão ficar numa saia justa, porque imagine 20 times da Série A perdendo dez mandos de jogos! Eu não sei se você viu, a Ponte Preta foi julgada e absolvida, porque se eles punissem a Ponte Preta, eles iam ter que punir o Corinthians, ia[m] ter que punir o Bragantino, ia[m] ter que punir o São Paulo. Então... O Palmeiras. Então... Então foi uma saída que a gente encontrou pra, pra mostrar pra galera que é bonito, entendeu?

Ao evitar possíveis punições, as organizadas também buscam não criar mal-estar com os demais torcedores. Na fala de um dos entrevistados:

Então, tudo o que, que a gente conversa dentro do nosso Conselho Deliberativo, dentro da Diretoria, a gente sempre se preocupa, é, em não jogar o torcedor corinthiano — que a gente diz o povão mesmo que não é o torcedor de torcida organizada, que são tão corinthianos quanto nós... O que a gente mais se preocupa é não jogar... Tentar não jogar eles contra nós.

Ao mesmo tempo que costuma ser fortemente condenado por narradores e comentaristas esportivos, o uso de sinais luminosos é explorado pelas chamadas televisivas por causa do efeito visual que promove. Essa posição ambígua dos meios de comunicação em relação à pirotecnia aponta para as contradições dos promotores do “futebol moderno” e foi muito criticada pelos entrevistados, como indicam as falas a seguir:

Eles fazem uma campanha contra, mas é engraçado que, quando vão fazer chamada dos jogos na televisão, eles usam essas imagens dos sinalizadores que eles falam que não tem que levar. Então, chega ser até contraditório a linguagem, principalmente, da mídia esportiva, quando ela fala para não levar.

As torcidas sul-americanas fazem a festa. O Atlético Nacional foi campeão agora. Meteram fogo no, no estádio lá no fim do jogo. Todos os comentaristas falam: “— que festa linda”, “— que negócio bonito”, que isso e aquilo. E quando a gente acende: “— olha os bandidos”, “— ó, os marginal” [...] Isso é uma coisa que incomoda a gente também. Essa falta de critério com uma torcida sul-americana e com a gente aqui.

As críticas ao “futebol moderno” também são frequentemente expressas em faixas e vestimentas. Durante nossa pesquisa no Estádio da Javari, observamos pessoas de todas as idades vestindo camisetas grená (a cor do Juventus), a estampar o bordão “ódio eterno ao futebol moderno”. Originário dos torcedores do Rayo Vallengano, de Madri, esse *slogan* foi apropriado pela torcida Setor 2, que passou a gritá-lo durante os jogos. Torcida que ficou nacionalmente conhecida por sua posição crítica ao “futebol moderno”, presente desde a sua origem.

A atitude contestadora do Setor 2 também é manifestada no conteúdo de suas faixas e de seus cantos, que costuma exaltar o orgulho das origens operárias do Juventus.

Mooca, Mooca, Mooca. Esse é o bairro que vou morrer. Na Javari, vamos meu Juventus. Não podemos perder, temos que ganhar. Essa é a família que vem te alentar, esta a todo lado pra te ver jogar. O sangue operário nunca irá secar, a resistência não desistirá!

A despeito de o Juventus ter ganhado certa fama de clube *outsider* — a exemplo do clube alemão Sankti Pauli —, não devemos confundir a atitude desse segmento de torcedores com o restante da agremiação, que muitas vezes é receptiva aos preceitos do “futebol moderno”. Há alguns anos, a direção do clube projetou, por exemplo, transformar o Estádio da Javari em uma arena multiúso padrão Fifa, que seria utilizada como centro de treinamento da Copa do Mundo de 2014.<sup>11</sup> Tampouco podemos perder de vista que apenas uma parte da

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/01/15/de-olho-na-copa-2014-juventus-planeja-estadio-de-r-200-milhoes.htm>>. Acesso em: 5 jan. 2017.

torcida juvenina se posiciona explicitamente contra o “futebol moderno”. Como ocorre em qualquer grupo social, nela também há divisões e diferenças internas. Assim, se o clube se tornou famoso por sua contraposição ao modelo contemporâneo de comercialização do futebol, isso se deve principalmente à atuação de algumas dezenas de torcedores militantes, nucleados sobretudo no Setor 2.

Por sua vez, nas arquibancadas da Arena Corinthians, observamos, em vários jogos, torcedores organizados exibindo faixas contra o jogo que se inicia às 22h, contra o monopólio dos direitos de transmissão por parte da Rede Globo, contra o alto valor do preço dos ingressos, contra a opressão e violência policial, contra a falta de transparência na gestão do clube e do estádio e contra a corrupção na CBF e na Federação Paulista de Futebol (FPF). Essas faixas foram estrategicamente colocadas atrás do gol para serem captadas pelas câmeras de televisão. Tal estratégia indica que as organizadas adquiriram certo domínio da lógica do espetáculo e o utilizam a seu favor. Elas sabem que, mesmo para se manifestar contra a televisão, é preciso se manifestar por meio desse recurso midiático. Afinal, só assim suas mensagens serão retomadas, amplificadas e obterão plena eficácia (Bourdieu, 1997). Ou seja, paradoxalmente, a resistência ao “futebol moderno” pode se dar, ou tem de se dar, pela lógica que o sustenta.

Em algumas ocasiões, notamos faixas com inscrições em inglês. Nossa hipótese é de que esse fenômeno é um efeito da globalização da subcultura juvenil em torno das torcidas de futebol — que inclui *barras*, *ultras*, *hooligans* e torcedores organizados de diversos países e continentes. Não examinaremos aqui em detalhes as características desse subcampo específico. Para nossos propósitos, basta destacar que, assim como ocorre em qualquer campo social (Bourdieu, 1997), o que define sua estrutura de poder é, principalmente, a estrutura da distribuição de seu capital simbólico específico, o que inclui o mérito acumulado, o prestígio e o reconhecimento (Thompson, 2000).

Assim, com o desenvolvimento da internet e a proliferação das redes sociais virtuais, torcedores de diferentes partes do mundo passaram não apenas a interagir entre si, a permutar estilos e símbolos, mas também a buscar o reconhecimento mútuo uns dos outros. Com isso, começaram a planejar e a coordenar suas atividades em uma escala global. Ter uma foto de uma manifestação sua contra o “futebol moderno” postada em um *site* internacional de torcidas passou a ser um troféu para o grupo. Não à toa, em conversa informal, uma liderança da Anatorg nos disse que um dos “problemas” das torcidas brasileiras é que elas não fazem faixas em inglês.

Além de protestos contra o *status quo* do futebol, observamos manifestações políticas mais amplas, que visavam a influenciar os rumos de questões que não estavam diretamente relacionadas com o futebol. No primeiro semestre de 2016, por exemplo, os Gaviões da Fiel iniciaram uma série de manifestações a favor da abertura da “CPI da Merenda”, após denúncias sobre o desvio de verbas para alimentação nas escolas públicas da rede de ensino do estado

de São Paulo. Essas manifestações ganharam, posteriormente, a adesão de outras torcidas e foram uma espécie de “revanche” contra um dos acusados, o presidente da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp), Fernando Capez. Este ganhou notabilidade pública em meados da década de 1990, quando atuava como promotor público e realizou uma cruzada jurídica contra as organizadas paulistas.

Também observamos faixas pelo empoderamento das mulheres, contra o atual presidente da República, Michel Temer (“Fora Temer”) e contra o *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff (“Volta democracia”), percebido como um “golpe”. Deve-se lembrar que Dilma foi alvo de vaías e apupos de “torcedores comuns” — isto é, não pertencentes a torcidas organizadas — durante a abertura da Copa das Confederações, em Brasília (2013), e durante a inauguração da Copa do Mundo, em São Paulo (2014). O fato evidencia as conexões entre esporte e sociedade, entre política e futebol, sendo os estádios *loci* multifacetados de expressão de uma variedade de conflitos preexistentes na vida coletiva e no mundo social.

Em uma ação criativa, torcedores contornaram a proibição imposta à torcida corintiana de entrar com faixas<sup>12</sup> e ingressaram no estádio com camisetas brancas, ornadas com letras pretas, que formavam a palavra “golpista”, em menção à atuação de Temer na destituição de Dilma — havendo, no lugar da letra “o”, o símbolo da Rede Globo, considerada uma das principais promotoras do “golpe”. Essa ação foi coordenada pelo Coletivo Democracia Corinthiana, que já havia feito manifestações públicas contra o que consideravam “ato golpista”.

## Torcidas organizadas *versus* coletivos de torcedores

---

Certamente, existem diferenças significativas entre este e os demais coletivos de torcedores e as torcidas organizadas de futebol. Sem a pretensão de esgotar o assunto, é preciso destacar, primeiramente, que a maior parte dos coletivos não atua como uma torcida organizada, ou seja, não se reúne coletivamente em determinado setor do estádio, não tem “gritos de guerra”, não exhibe faixas que identifiquem o grupo, não faz caravanas para jogos fora de casa etc. Além disso, sua estrutura hierárquica tende a ser bem mais horizontal do que a das referidas torcidas.

Mas a diferença mais importante para os objetivos deste trabalho diz respeito ao enfoque de suas ações reivindicatórias. Enquanto as torcidas organizadas tendem a atuar como mecanismos de pressão sobre os clubes e apenas pontualmente se envolvem em questões políticas não diretamente relacionadas com o futebol, como a CPI da Merenda, os coletivos

---

<sup>12</sup> Devido a brigas com a torcida do Palmeiras depois de um clássico.

tendem a fazer do futebol uma arena privilegiada de lutas políticas e sociais mais amplas, ainda que questões ligadas ao clube e ao futebol também façam parte de sua agenda.<sup>13</sup>

Essa diferença de pauta parece motivar modos de atuação distintos. Enquanto o principal espaço de ação política das torcidas organizadas é o estádio, o de muitos coletivos, por seu turno, é a rua. Além de promoverem ciclos de palestra, fóruns de debate e outros eventos culturais, esses coletivos costumam marcar presença em manifestações de esquerda, inclusive junto a coletivos de torcidas rivais. Afinal, o ideário político sobrepõe-se aqui às rivalidades clubísticas<sup>14</sup> e permite a convivência pacífica e amistosa entre eles, além da articulação de ações conjuntas, o que, certamente, contribui para empoderá-los e convertê-los em um desafio mais efetivo aos grupos dominantes.

A fundação da Agir simboliza a unidade dos coletivos e movimentos de torcedores. Apesar de abrigar uma pluralidade de grupos, de diferentes clubes e correntes de esquerda, a Agir conseguiu lançar um manifesto conjunto. Esses coletivos e movimentos, no entanto, ainda são um fenômeno muito recente no Brasil. A maioria deles nasceu nos últimos cinco anos e parece ainda não ter uma base de torcedores significativa. O próprio evento de fundação da Agir, realizado na USP, evidenciou um fato curioso: havia muitos grupos presentes na mesa de discussão, mas poucas pessoas assistiam a eles na plateia. Essa falta de uma base significativa, aliada a uma agenda ampla, pode desfocar sua atenção e, conseqüentemente, minar seu potencial transformador e de resistência ao *status quo* futebolístico.

Apesar disso, é preciso não perder de vista que essa agenda ampla pode, paradoxalmente, também ser benéfica, pois contribui para (re)conectar os problemas do futebol com seu contexto histórico, político, cultural e social mais amplo. É difícil pensar em estratégias de enfrentamento do processo de “arenização” dos estádios, por exemplo, sem levar em consideração a lógica neoliberal de construção das cidades atuais. Ademais, essa agenda joga luz sobre (e propõe transformar) relações de dominação que raramente são criticadas pelas torcidas organizadas, como as de gênero. Nesse sentido, os coletivos têm um caráter subversivo potencial maior do que a das referidas torcidas, constituindo-se em uma forma incipiente de crítica da dominação.

Uma das possíveis barreiras para a entrada dessa pauta mais abrangente na agenda das torcidas organizadas é que, por vezes, ela vem acompanhada de uma linguagem característica dos movimentos sociais e de setores da esquerda que é percebida como demasiadamente especializada, abstrata e, portanto, alienante por alguns integrantes dessas torcidas. Não à toa,

<sup>13</sup> Reforçando que, para alguns deles, é a principal, como é o caso do coletivo “Futebol, Mídia e Democracia”.

<sup>14</sup> Além da rivalidade intertorcidas, o fenômeno dos confrontos intratorcidas tem sido a tônica e a dinâmica conflitiva de muitos agrupamentos nos últimos anos. As brigas são motivadas, no mais das vezes, por controle de território e poder, o que se relaciona também com disputas por benefícios econômico-financeiros dos que estão à frente das organizadas. Essa realidade tornou-se pública em março de 2017, quando o fundador da Mancha Alverde, Moacir Bianchi, foi assassinado de forma brutal – 22 tiros – após emboscada orquestrada por componentes da torcida palmeirense que buscavam a permanência no comando da entidade.

algumas lideranças dessas torcidas têm restrições a esses movimentos e coletivos, enxergando em sua aproximação uma tentativa de cooptação política. O relato a seguir é ilustrativo:

O problema é que muitos desses movimentos, eles crescem com finalidade só política, né. De levantar bandeiras políticas. A Anatorg, eu acho que é um dos poucos movimentos, que ela, ela vai dialogar com político e vai fazer política independente de quem esteja no poder, independente se é de direita ou de esquerda. Ela, ela meio que foi uma junção de políticas, né. Na realidade, na geografia a gente absorveu torcidas do Brasil todo independente de ela ser de direita ou de esquerda, da opção A ou da opção B. Então, muitos desses movimentos, eles não agem dessa forma. Na realidade, até alguns desses movimentos procuraram a gente e a gente acabou não fazendo algumas ações juntas, porque você vai lembrar que alguns movimentos tinham a bandeira do PSTU. E a gente não queria isso.

Conforme já antecipamos, o principal local de protesto das torcidas organizadas é o estádio. No entanto, impulsionados pela convulsão social que tomou o país desde as “Jornadas de Junho” de 2013, os Gaviões da Fiel saíram às ruas em 2016 e fizeram uma série de passeatas e de protestos em frente à FPF e à Alesp. A torcida também promoveu um grande protesto no Vale do Anhangabaú, no centro de São Paulo, que reuniu mais de 3 mil pessoas, segundo seus cálculos. Neste último, fundadores e lideranças da torcida denunciaram a perseguição política sofrida e repudiaram os jogos de “torcida única”.<sup>15</sup> Também reivindicaram o fim do monopólio dos jogos às 22h, preços populares de ingresso, punição aos envolvidos no “escândalo da merenda” e transparência nas contas da Arena Corinthians e nas da FPF e da CBF. Além disso, posicionaram-se contra o “futebol moderno” e a favor do “futebol popular”.

Ao longo do protesto, muitas lideranças discursaram sobre um carro de som. Esses discursos foram intercalados com gritos de guerra e músicas da torcida, o que contribuiu para manter a atenção dos presentes. A atmosfera lembrava bastante a de dias de jogos: sinalizadores e outros elementos pirotécnicos iluminavam a noite que caía, bandeiras tremulavam sobre a massa torcedora e a bateria marcava o ritmo do evento. Dezenas de faixas de protesto e algumas de outras organizadas do clube espalhavam-se pelo local. Um enorme bandeirão dos Gaviões da Fiel cobria o Viaduto do Chá.

Pouco antes de o protesto ter início, um fato chamou nossa atenção por sua relevância para a pesquisa: uma resma foi atirada por um torcedor adversário do viaduto em questão, espalhando folhetos por todos os lados. Estes foram imediatamente recolhidos pelos corinthianos, pois estampavam a foto de um dos líderes dos Gaviões da Fiel ao lado da seguinte

<sup>15</sup> Referência à medida adotada em 2016 pelo Ministério Público, a partir de iniciativa do promotor Paulo Castilho, que proíbe a presença de torcedores de dois clubes em partidas consideradas “clássicas” no estado de São Paulo, a saber: Corinthians e Palmeiras, Corinthians e São Paulo, Corinthians e Santos, Palmeiras e São Paulo, Palmeiras e Santos, São Paulo e Santos.

pergunta: “Quem vai prender o ladrão de linguíça?”. A substituição do termo “merenda” por uma metáfora do órgão reprodutor masculino tinha como finalidade caracterizar esse líder como homossexual — o que, no contexto das torcidas organizadas, constitui uma grave categoria acusatória.

Esse ocorrido serve para ilustrar as ambiguidades e as contradições que permeiam o engajamento político das torcidas organizadas e sua luta contra o “futebol moderno”. Por um lado, essa luta enseja formas articuladas e coletivas de resistência ao aburguesamento do futebol e à exclusão da classe trabalhadora dos estádios, constituindo-se em um desafio real aos grupos dominantes, projetados como corruptos, incompetentes e autoritários. Por outro, mantém intacta a estrutura das relações de gênero no futebol, experimentadas como insatisfatórias por mulheres e homossexuais.<sup>16</sup>

As próprias lideranças parecem reconhecer essas ambiguidades e contradições. Nas palavras de uma delas:

[...] assim, cara, o Gaviões ao mesmo tempo que ele é democrático, acho que ele é um movimento conservador. Eu sempre dou um exemplo disso. É... Em 95, o Dentinho deu uma entrevista. O Dentinho era presidente da Gaviões na época. O Dentinho é, deu uma entrevista pra Veja. E dentro de uma das respostas dele ele fala: “— Expulsamos os arruaceiros e os homossexuais.”

A análise de páginas do Facebook dedicadas às torcidas organizadas fornece diversos exemplos do conservadorismo supramencionado, mostrando reações violentas a *posts* contra a homofobia e o machismo no futebol. Alguns comentários chegam, inclusive, a sugerir que enfrentar o “futebol moderno” significa também combater o “politicamente correto” nas arquibancadas. Esses discursos tomam, claramente, como valor moral um modelo de “masculinidade agressiva”, que reverencia a virilidade, a honra e a tradição (Zucal, 2010).

Em contraposição a outras formas de masculinidade e feminilidade, gestos mais delicados e sensíveis tendem a não ser bem aceitos no campo das torcidas organizadas. Neste, é preciso andar firme, ter força e resistir à dor e às adversidades. Não à toa, correr da torcida adversária é uma das maiores formas de desonra, assim como se considera uma humilhação ante o rival ter uma bandeira ou vestimenta roubada. O sacrifício — sobretudo corporal — faz, assim, parte desse universo. Traz benefícios simbólicos, eleva a autoestima e agrega capital social (Zucal, 2010).

Nesse contexto de valorização acentuada de uma “masculinidade agressiva”, norteados por um “*ethos* guerreiro”, há, evidentemente, muito pouco espaço para a manifestação de outras masculinidades e feminilidades. Não parece, portanto, ser sem razão o fato de os conflitos

<sup>16</sup> Diferentemente do que ocorre nas torcidas organizadas, os coletivos e movimentos de torcedores costumam dar bastante atenção às questões de gênero no futebol.

violentos no futebol não ser objeto das críticas ao “futebol moderno”. Assim, mesmo dentro de um movimento que tem pautas progressistas, como o das organizadas, o futebol ainda é, como diria Eric Dunning (2014), um domínio masculino. Mais exatamente, um esporte feito por homens e para homens. Mas não quaisquer homens, pois estes têm de ser heterossexuais, capazes e dispostos a provar sua virilidade para os demais.

Evidentemente, os conflitos violentos entre as torcidas organizadas servem para desuni-las e, em decorrência disso, para fragilizar sua capacidade de desafiar o *status quo* do futebol. As próprias lideranças reconhecem a dificuldade de criar uma unidade coletiva que interligue as organizadas em torno de uma bandeira comum. Para impedir essa desunião, as torcidas organizadas criaram, ao longo de sua história, uma série de entidades representativas que têm buscado estabelecer uma unidade entre elas.

Hoje em dia, a mais importante e representativa dessas entidades é a Anatorg. Desde sua fundação, no final de 2014, essa associação tem fomentado o debate entre as torcidas organizadas e entre elas e o poder público. Para tanto, tem, entre outras coisas, promovido seminários em parceria com o Ministério do Esporte. No entanto, se a Anatorg conseguirá encorajar as torcidas organizadas a deixar suas diferenças de lado e juntar suas forças contra o “futebol moderno”, isso, obviamente, ainda é uma questão em aberto.

## À guisa de conclusão

---

Neste texto, exploramos as contradições e os conflitos existentes na luta contra o processo de hipermercantilização do futebol. Para tanto, buscamos indicar, primeiramente, que esse processo perpetua a lógica neoliberal, na medida em que alarga o espaço dos interesses do capital no universo do futebol, ao mesmo tempo que encolhe os direitos dos torcedores. Cada vez mais vigiados e tratados (meramente) como consumidores, estes têm sido, sistematicamente, excluídos dos processos decisórios desse universo. Tal exclusão, todavia, tem ensejado formas de resistência por parte das torcidas organizadas e dos coletivos de torcedores, que têm conseguindo esboçar ações de defesa dos seus direitos. Ao nos debruçarmos sobre essas ações, sustentamos, entre outros argumentos, que o enfoque dos protestos das torcidas organizadas tende a recair sobre os clubes e as organizações que administram o futebol, enquanto as manifestações de muitos dos coletivos tendem a envolver questões políticas mais amplas. Além disso, argumentamos que, com frequência, essas ações encontram-se até certo ponto dispersas, apesar de instituições como a Anatorg e a Agir começarem a conseguir vocalizar, de maneira unificada, as bandeiras de contestação desses grupos. Também postulamos que, no universo das torcidas organizadas, as práticas contra a hipermercantilização do futebol tendem a contribuir, ao mesmo tempo, para transformar as relações de dominação de classe e para manter as de dominação de gênero. Dito isso, finalizamos este trabalho abrindo novas



perspectivas de abordagem do tema tratado. Consideramos de fundamental importância que trabalhos futuros se debrucem sobre as diferenças internas entre os coletivos de torcedores e também sobre as práticas contra o “futebol moderno” orquestradas pelas novas torcidas, como os movimentos populares do Rio de Janeiro e as diversas *barras* que têm surgido por todo o país. Torcidas que parecem mais abertas a acolher as diferenças de gênero no futebol, como ficou claro em uma atitude da Banda Celeste, do Paysandu, que estendeu a bandeira do movimento LGBT no meio da arquibancada em um jogo da Copa do Brasil contra o Santos, em 2017.

Outro trabalho de fundamental importância é o acompanhamento prolongado das ações da Anatorge e da Agir para verificar sua real capacidade de unificar os diferentes agrupamentos envolvidos na luta contra o “futebol moderno” e, conseqüentemente, de transformar as relações de dominação que caracterizam o campo de produção, transmissão e recepção/consumo do espetáculo futebolístico. Afinal, qualquer conclusão sobre essa capacidade sem esse devido acompanhamento é, por certo, prematura.

Este trabalho contou com auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

## Referências bibliográficas

- AIDAR, Antônio Carlos Kfourri. O torcedor como cliente: uma solução para aumentar a receita dos clubes brasileiros. *FGV Projetos*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 13, p. 30-38, 2010.
- ALABARCES, Pablo. *Crônicas del aguante*: fútbol, violencia y política. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012.
- \_\_\_\_\_. Introduccióón: un itinerário y algunas apuestas. In: \_\_\_\_\_. RODRÍGUEZ, María Graciela (Comp.). *Resistencias y mediaciones*: estúdios sobre cultura popular. Buenos Aires: Paidós, 2008. p. 15-30.
- ALVITO, Marcos. “A parte que te cabe neste latifúndio”: o futebol brasileiro e a globalização. *Análise Social*, v. 41, n. 179, p. 451-474, 2006.
- BLUMENSCHNEIN, Fernando; NAVARRO, Diego. Impactos socioeconômicos da Copa do Mundo Fifa 2014 e seu legado para o futebol brasileiro. *FGV Projetos*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 79-90, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRASIL. Lei nº 10.671, de 15 de maio de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Torcedor e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.671.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.671.htm)>. Acesso em: 22 jan. 2011.
- \_\_\_\_\_. Lei nº 12.299, de 27 de julho de 2010. Dispõe sobre medidas de prevenção e repressão aos fenômenos de violência por ocasião de competições esportivas; altera a Lei nº 10.671, de 15 de maio de 2003; e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12299.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12299.htm)>. Acesso em: 12 abr. 2011.
- CAMPOS, Flávio. Arquitetura da exclusão: apontamentos para a inquietação com o conforto. In: \_\_\_\_\_. ALFONSI, Daniela (Org.). *Futebol objeto*. São Paulo: Leya, 2014. p. 349-364.
- DRULA, Andréia Juliane. *O processo de transformação de um estádio para arena*: o caso da Arena da Baixada. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.
- DUNNING, Eric. *Sociologia do esporte e os processos civilizatórios*. São Paulo: Annablume, 2014.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *Quest for excitement: sport and leisure in the civilizing process*. Dublin: University College Dublin Press, 2008.
- FLORENZANO, José Paulo. A babel do futebol: atletas interculturais e torcedores ultras. *Revista de História da USP*, São Paulo, n. 163, p. 149-174, 2010.
- GABRIEL, Michael. 20 years of KOS 20 of advice, dialogue and networking. In: \_\_\_\_\_. SELMER, Nicole; THALER, Heidi (Ed.). *Fan work 2.0: future challenges for the pedagogical work with football fans*. Frankfurt, Main: Imprinta, Obertshausen, 2013. p. 27-40.
- GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: \_\_\_\_\_. BAUER, M. W. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 64-89.
- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- HOLLANDA, Bernardo Buarque Borges de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro*: 7Letras, 2009.
- \_\_\_\_\_. O fim do estádio-nação? Notas sobre a construção e remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014. In: CAMPOS, Flávio; ALFONSI, Daniela. (Org.). *Futebol objeto*. São Paulo: Leya, 2014. p. 321-348.
- \_\_\_\_\_. O rabo do foguete: —civilização & barbárie em uma torcida organizada de futebol. In: \_\_\_\_\_. LABRIOLA, Plínio (Org.). *Os Gaviões da Fiel*: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015. p. 21-48.
- \_\_\_\_\_. MEDEIROS, Jimmy; TEIXEIRA, Rosana da Câmara. (Org.). *A voz da arquibancada*: narrativas de lideranças da Federação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ). Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.
- KENNEDY, Peter.; KENNEDY, David. *Football in neo-liberal times: a marxist perspective on the European football industry*. Nova York: Routledge, 2016.
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Football supports and the commercialisation of football: comparative responses across Europe. *Soccer & Society*, v. 13, n. 3, p. 327-340, 2012.
- LUNA, Sérgio Vasconcelos de. *Planejamento de pesquisa: uma introdução*. São Paulo: Educ, 1996.
- MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014.

- \_\_\_\_\_. GAFFNEY, Christopher. The soccer stadium as a disciplinary space. *Revista Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 7, p. 1-8, fev. 2008.
- \_\_\_\_\_. MERKEL, Udo. Football fans and clubs in Germany: conflicts, crises and compromises. *Soccer & Society*, v. 13, n. 3, p. 359-376, 2012.
- NUMERATO, Dino. Who says “no to modern football?” Italian supporters, reflexivity, and neo-liberalism. *Journal of Sport and Social Issues*, p. 1-19, 2014.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SANTANA, Thiago José Silva. *O clube no coração e/ou no bolso: os processos de mercantilização do torcer a partir de um programa de sócio torcedor*. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Lazer), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- SANTOS, Anderson David Gomes dos; SANTOS, Irlan Simões da Cruz. Economia política e estudos culturais: discussão teórica e uma proposta de pesquisa para o futebol. *Eptic*, UFS, v. 18, p. 53-68, 2016.
- SANTOS, Irlan Simões da Cruz. Mercantilização do futebol e movimentos de resistência dos torcedores: histórico, abordagens e experiências brasileiras. *Esporte e Sociedade*, n. 27, p. 1-18, 2016.
- \_\_\_\_\_. HELAL, Ronaldo. Do espectador ao militante: a torcida de futebol e a luta pelo direito ao estádio e ao clube. *Tríade: Revista de Comunicação, Cultura e Mídia*, v. 3, n. 7, p. 54-69, 2016.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. 5. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.
- SINGER, André. Brasil, junho de 2013: classes e ideologias cruzadas. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 97, p. 23-40, 2013.
- TEIXEIRA, Rosana da Câmara. *Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas*. São Paulo: Annablume, 2003.
- THOMPSON, John Brookshire. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. A invenção do torcedor de futebol: disputas simbólicas pelo significado de torcer. In: COSTA, Márcia Regina da. *Futebol, espetáculo do século*. São Paulo: Musa Editorial, 1999.
- \_\_\_\_\_. Identidades e conflitos em campo: a guerra do Pacaembu. *Revista USP*, São Paulo, v. 32, p. 108-117, jan. 2017.
- TOTTEN, Mick. Sport activism and political praxis within the FC Sankt Pauli fan subculture. *Soccer & Society*, v. 16, n. 4, p. 453-468, 2015.
- ZUCAL, José Garriga. *Nosotros nos pelcamos: violencia e identidad de una hinchada de fútbol*. Buenos Aires: Prometeu Libros, 2010.